

14 SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA

SABERES EM CONFLUÊNCIA: CONSTRUINDO UTOPIAS

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 08 – Pensamento Social

“Oh meu Deus! Eu vou chegar muito atrasado!” : O agir político no Brasil segundo

Lilia Schwarcz alguns apontamentos.

Hilton Costa¹

¹ Doutor, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, hcosta@uem.br

INTRODUÇÃO

Desde fins do século XIX, pelo menos, mostra-se viável afirmar a presença de um espaço político no Brasil e consequentemente a presença de um agir político dentre as elites brasileiras. A formação, manutenção e funcionamento tanto de um quanto de outro vem sendo há tempos objetos de investigação. Uma das vertentes interpretativas – talvez a mais influente – aponta para o espaço político sendo regado pela capacidade de transação, de conciliação com os seus pares e, por vezes, com o povo. Ao se seguir por este caminho analítico, interpretativo observa-se as reformas, as concessões pontuais, normalmente dedicadas às populações urbanas como demonstrações da conciliação das elites com o povo. Para esta corrente interpretativa e analítica a conciliação, bem como o agir conciliador figuraria como umas das valências substanciais a vida política. E mais, a presença de um agir conciliador, como prática política e até mesmo social, pois transcenderia as elites políticas. Por óbvio, tal característica – o agir conciliador – não se configura como algo inato a quem quer que seja, mas sim como um *ethos*, um *habitus* produzidos e reproduzidos pelos grupos sociais.

A corrente ou ainda as correntes interpretativas postas a discutir e ou pensar a conciliação como elemento definidor de um agir político no Brasil são, em grande medida, alocadas dentro de uma perspectiva culturalista. A perspectiva culturalista para interpretar a realidade brasileira – incluso a política – é bastante presente. Ela conta com inúmeras variações teóricas, metodológicas, conta também com sentidos analíticos divergentes. Contudo, até onde se pode verificar para efeitos do presente artigo apesar das diferenças no interior da perspectiva a Cultura, os aspectos culturais são os definidores, em grande medida, das demais atividades. Lilia Schwarcz autora cujo a obra é abordada aqui é considerada como integrante da tradição culturalista de interpretação do Brasil. Em sendo este o caso, foi proposta as seguintes indagações: é possível localizar na obra da autora um agir político no Brasil? Em se encontrando ele seria passível de ser compreendido dentro da chave da conciliação? Uma outra indagação feita se faz presente, em grande medida, na emblemática fala do Coelho Branco: “Oh meu Deus! Eu vou chegar muito atrasado!” Estaria, o Brasil, na análise de Schwarcz e Starling e de Schwarcz atrasado? Se sim atrasado em relação a que e para que?

Há quem diga e defenda que o senso comum é uma interpretação inconsistente da realidade e até mesmo inválida. Em sentido contrário, pode-se dizer, há quem pense o senso comum uma forma de interpretar a realidade com a capacidade de revelar em muito o comportamento médio das pessoas de uma sociedade dada. Ao se seguir pela segunda via exposta não difícil encontrar na opinião média das pessoas no Brasil a ideia de que o país e sua sociedade estão atrasados sempre muito atrasados. A ideia, quase certeza de estar atrasado faz-se presente, em grande medida, das paradas de ônibus aos gabinetes do Congresso Nacional, das estações de trem as redações das agências de notícia. Se a é possível inferir que há uma sensação geral de atraso, entretanto o mesmo não é seria válido no que diz respeito o atraso em relação a quê. A depender da orientação política, religiosa, econômica o sentido do atraso se altera. Todavia, neste momento interessa mais a ideia de estar atrasado do que o sentido do atraso. Desta feita, tomando as obras *Brasil, uma biografia*, 2015, de Schwarcz e Heloisa Murgel Starling, o pós-escrito de 2018 – muito relevante para a compreensão da postura das autoras e *Sobre o autoritarismo brasileiro*, de 2019 como fontes principais – e tratadas em conjunto – aplicou-se as já referidas indagações. A relevância de se investigar a obra de Lilia Schwarcz, e a dela com Heloisa Starling, acredita-se aqui reside no fato destas obras circularem e circularem muito. De modo a ser possível compreender as interpretações das autoras, e sobretudo, as de Lilia Schwarcz dentro chave de interpretações que geram interpretações.

A CONCILIAÇÃO COMO O AGIR POLÍTICO NO BRASIL

A postura conciliadora poderia ser pensada como uma característica essencial e mesmo definidora de uma cultura política? Algumas análises caminham nesta direção. A tradição culturalista de análise e interpretação do Brasil é, em grande medida, uma realidade de longa data. Em se tomando o período imperial como uma espécie de marco zero da política no Brasil – desconsiderando assim o período sob a Coroa Lusitana – é possível encontrar par o referido período certo, é possível localizar algo como um o amálgama entre as elites intelectuais e as políticas. A proximidade entre elas não impediu, como era de se esperar, em grande medida, o desenvolvimento de um agir próprio, bem como um espaço particular para cada uma. Ainda hoje é matéria controversa a existência de um espaço intelectual no Brasil

oitocentista, por sua vez menos controverso é a presença de um espaço político. Estudos importantes da área corroboram a existência de um espaço político. (CARVALHO, J. M., 2008, HOLANDA, S. B., 2008, FAORO, R., 2001; RODRIGUES, J. H. 1965; ADORNO, S. 1988).

José Honório Rodrigues nota este espaço político regrado pela capacidade de transação, de conciliação com os seus pares e, por vezes, com o povo. (RODRIGUES, J. H., 1965). As reformas, as concessões pontuais, normalmente dedicadas às populações urbanas foram elencadas como demonstrações da conciliação das elites com o povo. “As minorias dominantes no Brasil, para evitar as convulsões sangrentas, sempre prometeram reformas, especialmente nas crises, e quando o povo se continha e elas se tornavam senhoras da situação, descumpriam as promessas.” (RODRIGUES, J. H., 1965 p 66). De todo, nem todas as “promessas de reformas” eram negaceadas, elas podiam vir, mas não com toda a força que alguns setores esperavam e/ou desejavam. Pois as reformas realizadas, no período imperial, mais do que mudar o ordenamento social, procuravam manter as coisas como estavam. (COSTA, 2014b). A ideia de Rodrigues de um agir conciliador presente nas elites dominantes brasileiras desde muito cedo serviu como mote para pensar essa característica não como um elemento inato desses grupos, mas sim como um ethos, um habitus. Assim seguindo a trilha aberta por Pierre Bourdieu “cada classe de posições corresponde uma classe de habitus” e estes são “produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente”. (BOURDIEU, P., 2008b p 21). A tendência pela Conciliação, em termos políticos, seria, então, uma característica e por vezes uma regra do espaço político: uma regra fundamental capaz de organizar as demais e/ou fazer as outras normas se organizarem a partir dela. (COSTA, 2014b). Michel Debrun ao discutir a conciliação no Brasil afirma que a postura conciliatória do meio político imperial Michel Debrun, apesar de concordar com as premissas básicas expressadas por José Honório Rodrigues entendeu que “a ‘Conciliação’, no Brasil, nunca foi um arranjo entre iguais, mas o reconhecimento, por parte de um pólo social ou político menor, da primazia de outro pólo, mediante algumas benesses e sobre o pano de fundo constituído pela exclusão da grande massa da população.” (DEBRUN, M., 1983 p 72). Debrun defendeu que a conciliação não era um “espírito de transigência”, mas “uma estratégia de cooptação de certos dominados” pelos dominantes. (DEBRUN, M., 1983 p 122). Apesar de ter entendido a conciliação de maneira um tanto quanto diversa a de Honório

Rodrigues, Debrun a colocou como um dos arquétipos do fazer político do Brasil. (DEBRUN, M., 1983 p 121). (COSTA, 2014a, p 148-9).

As análises aqui observadas permitem pensar que este agir político, em grande medida, moldado nos oitocentos atravessou, com um ou outro ajuste, alteração, o século XX, chegando ao século XIX com sua estrutura básica preservada – como um artefato cultural, foi se alterando para se manter. Com efeito, tem-se um arcabouço analítico sobre o fazer político, em grande medida, marcado por uma perspectiva, passível de ser associada ao culturalismo.

A PERSPECTIVA CULTURALISTA

Grosso modo, a perspectiva culturalista nas Ciências Sociais defende a cultura como um conjunto de compartilhado de valores, ideias, símbolos, comportamentos que definem a visão de mundo de um grupo. Por um lado, ela rejeita o determinismo biológico, geográfico, enfatizando a compreensão dos fenômenos a partir do seu próprio contextos. De outro lado, a análise culturalista pode levar a análises postas a verificar imobilismos, praticamente, insuperáveis (uma vez que estas análises tende a ver a mudança cultural como algo muito lento). A perspectiva culturalista, por sua vez, argumenta acerca da existência de uma cultura (e ou culturas), anterior as instituições. E esta cultura (e ou culturas) moldam as pessoas, pessoas estas que vão construir, desenvolver e manter as instituições. (PRZEWORSKI; CHEIUB; LIMONGI, 2003). Um argumento próximo a aquele exposto por Max Weber na sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, neste texto o autor defende que uma determinada cultura religiosa age de modo efetivo sobre comportamento econômico. (WEBER, 2004). Desta feita, o estabelecimento, por exemplo, de um regime democrático, mais do que instituições democráticas necessitaria para se manter de forma duradoura de uma cultura democrática que sustentasse as instituições. As instituições democráticas não seriam por si só capazes de manter o regime.

PENSANDO A BIOGRAFIA DO PAÍS AUTORITÁRIO?

A busca por resenhas de *Brasil, uma biografia* em um primeiro momento é surpreendente, uma vez que se encontrou muito menos textos do que se imaginava. Quer se

acreditar em uma investigação ainda mais vagarosa e detalhada seja possível encontrar um número maior. Na contemporaneidade, entende-se aqui, tornou um indício, importante, o número de ocorrências quando se coloca um determinado termo nos buscadores de internet, pois os algoritmos das tecnologias de informação podem fornecer elementos acerca da circulação de determinados conteúdos. Assume-se cá a ideia de indício porque é amplo conhecimento as técnicas utilizadas por pessoas e grupos para criar uma “verdade” de muita procura pelos seus conteúdos. Outro indício importante seria saber a tiragem e vendagem do livro, *Brasil, uma biografia* figurou durante muito entre os mais vendidos na categoria não ficção no país. Entretanto, a editora que o publicou não divulga quantos exemplares foram vendidos, todavia Lilia Schwarcz em sua conta em uma mídia social publicou em 23 de maio de 2025 o seguinte texto:

Oi, Gente! Se há uma coisa que eu tenho muito orgulho é de ter escrito “Brasil: uma biografia” com minha parceira e amiga Heloisa Starling.
Foi uma jornada muito intensa na qual tínhamos que devorar livros e mais livros a cada semana, mas que graças à recepção de vocês, virou um #livro de sucesso. Já vendeu mais de 100 mil cópias e agora em 2025 faz aniversário de 10 anos!
(SCHWARCZ, 2025)

Mesmo que os dados sejam imprecisos tem-se mais um indício importante da circulação do texto. Isto posto, sem se executar, portanto, uma busca exaustiva por resenhas de *Brasil, uma biografia* foi possível encontrar 9 resenhas do livro, 8 delas serão observadas aqui. Antes, porém cabe informar que neste artigo e no projeto de pesquisa de onde ele emerge está a se propor as resenhas a presença delas como uma forma de perceber a circulação, o trânsito de uma obra. Dentre as resenhas arroladas a grande maioria destaca as características positivas do texto – seja a erudição das notas, indicações de leitura, fontes a consultar, seja a linguagem que escaparia ao dialeto acadêmico sendo mais palatável ao grande público. A indicação de contrariedades ao texto, ao argumento, a metodologia só aparece – com nitidez – em uma das resenhas encontradas, a escrita por Paulo Hasse Paixão.

O resenhista luso indica, a despeito de sua mágoa com as autoras, por elas não fazerem os devidos agradecimentos a Portugal por ter inventado o Brasil, indicando, por exemplo, que “Notará também o leitor português a escassa consideração que é manifestada pela nação que afinal criou e unificou o Brasil. Os descobrimentos portugueses duram, num livro com 516 páginas de narrativa, uma página e meia. Os descobrimentos espanhóis ocupam igual página e

meia, embora não se perceba, comparativamente, a importância destes últimos.” (PAIXÃO, 2015). Hasse Paixão faz, ao menos uma crítica extremamente relevante e útil a obra. Antes, porém de se chegar a esta crítica, cabe destacar que o resenhista definiu o livro: “trata-se, claro, de uma biografia ideológica”. Para ele, por exemplo, a forma como as autoras tratam a ação ibérica nas Américas é ingênua, compactua ele com a ideia de que nada existia antes da chegada dos europeus. Incomoda em muito ao resenhista as citações a Oswald de Andrade. A insistência das autoras neste autor leva Hasse Paixão a afirmar em relação a frase “Antes dos portugueses terem descoberto o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade” do modernista brasileiro: “Da autoria de Oswald de Andrade, a tirada é deveras inócua – pela simples razão de que o Brasil, como entidade geopolítica, antes de ser descoberto não existia -, mas sobretudo porque é de uma ingenuidade gritante”. (PAIXÃO, 2015). O resenhista luso afirma que “esta ingenuidade é aliás transversal a toda a obra. Enquanto os brancos são uma praga do diabo, os índios são uma benção de Deus”. (PAIXÃO, 2015). De modo geral a obra é qualificada como ingênua.

A crítica que se entende relevante e faz da resenha interessante – não só pela irritação do resenhista, em vários momentos mais Hasse² que Paixão, se bem que Paixão não é necessariamente amor – é a que versa sobre “a incapacidade de fazer as pazes com as suas origens também impede os brasileiros de sentirem a pátria de uma forma um pouco mais saudável”. Por motivos e com sentido diferente de outros e outras resenhistas de *Sobre o autoritarismo brasileiro*, uma vez que Paulo Hasse Paixão nitidamente estaria mais afeito a análises que louvam o mundo que o português criou, o que não acontece no texto de Schwarcz e Starling, ele problematiza o peso e o lugar do passado no presente brasileiro. Compreender o lugar e o peso do passado, entende-se aqui, ser algo importante para compreender a obra de Schwarcz.

Em uma sucinta apresentação realizada a pouco discutiu-se a função e o sentido da conciliação na política e na vida social brasileira. A conciliação pode ser interpretada como este passado sempre presente no presente e moldando os projetos de futuro, em outras palavras, o passado pesando sobre o presente e quiçá sobre o futuro. Hasse Paixão critica a obra de Schwarcz e Starling por sua “incapacidade de fazer as pazes com as suas origens”,

² Hasse em alemão pode ser traduzido por ódio, não como afirmar, no momento se o outro tem ascendência germânica, de qualquer modo fica interessante a combinação Hasse Paixão no mesmo nome.

no caso as lusitanas, assim ele encaminha as conclusões da sua resenha afirmando: “uma nação que deve a sua unidade e muito da sua identidade à língua portuguesa e aos Braganças, que consolidaram um território dividido e que o fizeram independente, devia ter uma atitude mais conciliatória com Portugal.” (PAIXÃO, 2015). Não deixa de ser irônico, o argumento do resenhista ao criticar as autoras seja o mesmo das autoras: o presente insistindo em repercutir o peso do passado.

Ao voltar os olhos sobre a obra *Sobre o autoritarismo brasileiro*, obteve-se em um levantamento ainda bastante incipiente 13 resenhas do livro. Deste total foi possível perceber que aproximadamente 23% (3 resenhas) possuíam críticas mais enfáticas a obra, seja a metodologia, seja as conclusões ou ainda a perspectiva da autora. As demais cerca de 77% (10 resenhas) tendem a não esboçar discordância da proposta de Schwarcz. Mostra-se interessante, segundo entende-se aqui, praticamente todas as resenhas, de alguma forma, indicam e ou permitem a visualização da perspectiva culturalista da autora, todavia apenas uma toma este tópico como algo a ser discutido de forma mais detida. Para efeito, da presente argumentação, o foco residirá nas 3 resenhas onde é passível observar “discordâncias” com a autora.

Andrea Slemian e Nuno Monteiro em sua resenha de *Sobre o autoritarismo brasileiro* indicam que ao “falar do Brasil, do “enigma Brasil”, em função das infundáveis contradições que poderíamos marcar em sua história, passada e presente, não poderia deixar de abrir espaço para discussão. É desejável e positivo que o livro cumpra esse papel.” (SLEMIAN; MONTEIRO, 2020). Slemian e Monteiro seguem sugerindo que o “leitor atento perguntar: o autoritarismo brasileiro é “uma história de cinco séculos”? Essencialmente, é este o argumento do livro.” (SLEMIAN; MONTEIRO, 2020). A referida resenha questiona se “os cenários recentes são a última encarnação de um autoritarismo, patrimonialismo, corrupção, desigualdade, violência e racismo multi-seculares e essencialmente configurados desde o século 16”. (SLEMIAN; MONTEIRO, 2020). Slemian e Monteiro apontam que “pode parecer um tópico explicativo consistente; afinal, o passado sempre informa o presente e as simplificações a que tal raciocínio convida poderiam justificar-se pela pedagogia cívica exigida pelo momento atual. Acontece que a esse exercício insistente, múltiplas objeções podem ser levantadas.” (SLEMIAN; MONTEIRO, 2020).

Slemian e Monteiro questionam que o livro “ignora as mudanças do século 20 e do último meio século (a urbanização brasileira, em particular), ou seja, as mutações sociais e comunicacionais mais recentes, que produziram mudanças substantivas na sociedade brasileira.” (SLEMIAN; MONTEIRO, 2020). E esse movimento de “atribuir os males presentes a um passado colonial remoto, ao mundo agrário e às práticas das suas elites” levaria a obra gerar “um efeito de ocultação, certamente involuntário.” (SLEMIAN; MONTEIRO, 2020). Slemian e Monteiro defendem que a urbanização e a imigração teriam sido elementos que mudaram o Brasil suficientemente para que a longa duração proposta por Schwarcz poderia não se sustentar. Para Slemian e Monteiro não há uma “transposição” da mentalidade do latifúndio escravocrata agro-exportador para o mundo urbano, indicam ser, portanto, uma falha da obra de Schwarcz não considerar “a colossal urbanização produzida” no século XX ela, Schwarcz, “sustenta que “a despeito de o Brasil ser, cada vez mais, um país urbano, aqui persiste teimosamente uma mentalidade e um lógica dos latifúndios, cujos senhores se tornam coronéis da Primeira República, parte dos quais ainda se encastelam nos seus estados, como caciques políticos e eleitorais”. (SLEMIAN; MONTEIRO, 2020). Slemian e Monteiro também vem como problemática a longa duração proposta pela autora acerca do escravismo. Ou seja, o cerne da obra é problematizada.

Herbert Gler Mendes Anjos ao resenhar o livro *Sobre o autoritarismo brasileiro* também oferece críticas ao cerne da obra. Anjos, destaca que “para a autora, a escravidão, o latifúndio, corrupção e patrimonialismo, em grande medida, explicam os motivos que fizeram do país uma realidade desigual.” (ANJOS, 2020, p 294). Contudo isso não conseguiria “explicar o porquê de não termos reduzido radicalmente nossa desigualdade social durante o processo de modernização e industrialização do século XX, e – muito menos – explicam o motivo da desigualdade de renda no trabalho ter aumentado e a pobreza ter recrudescido como consequência da crise econômica e política que aflige o país de 2013.” (ANJOS, 2020 p 294-295).

Anjos, é contundente na sua crítica a conceituação deficitária de elementos como populismo (ANJOS, p 298) e por colocar em pé de igualdade – como autoritários – lideranças políticas, entendidas pelo resenhista como mui distintas.

Na parte final, a autora chega a comparar Figuras política radicalmente diferentes do ponto de vista ideológico, político e social como Viktor Orban, Donald Trump, Rodrigo Duterte e Nicolas Maduro. Há uma tentativa de tratar com o mesmo peso lideranças e processos político que não são equivalentes e um apego e uma régua liberal-democrática que impede a autora de enxergar com nitidez as diferenças entre essas lideranças políticas, suas bases sociais de apoio, seus projetos políticos e ideológicos, bem como os processos históricos que as originaram. (ANJOS, 2020 p 298).

O avanço daquilo denominado por Anjos como mercantilização da sociedade brasileira não seria elemento discutido por Schwarcz, para o resenhista esse fenômeno é fundamental para a compreensão da fragilidade da democracia no Brasil. (ANJOS, 2020 p 298). De modo diferente, Anjos se assemelha as críticas de Slemian e Monteiro no sentido de ver fragilidade na longa duração proposta por Schwarcz.

Marcos Abraão Ribeiro em *Lilia Schwarcz e a persistência do nacionalismo metodológico nas interpretações do Brasil* (2020) executa uma contundente crítica ao conteúdo, metodologia e orientação teórica de *Sobre o autoritarismo brasileiro*.

Ao revisitarmos as tradicionais interpretações do pensamento social e o revisitarmos as tradicionais interpretações do pensamento social e político brasileiro, observamos que o autoritarismo e suas causas são questões centrais, pois através delas são investigadas nossas raízes. Como forma de sustentar a centralidade do tema do autoritarismo, cito as obras clássicas de Tavares Bastos (1976), Raymundo Faoro (2008), Antonio Paim (1998), Simon Schwartzman (1988), Sérgio Buarque de Holanda (2010) e Roberto DaMatta (1978), apenas para ficarmos com autores da tradição culturalista de interpretação do Brasil, à qual o trabalho resenhado está filiado. (RIBEIRO, 2020, p 359)

É assim que Ribeiro localiza e Schwarcz e sua obra

Apesar das diferenças, essas interpretações têm como núcleo comum interpretar o presente pelo passado, através de uma leitura do Brasil que une particularismo, idealização das sociedades do Atlântico Norte e nacionalismo metodológico. Como procuro sustentar nesta resenha, o trabalho de Schwarcz também é baseado nos elementos que estruturam as leituras culturalistas clássicas sobre o autoritarismo brasileiro. (RIBEIRO, 2020, p 360-361)

Após localizar a autora e sua obra, Ribeiro indica suas discordâncias. E segue nesta direção afirmando que:

Analisei o ambicioso trabalho de Lilia Schwarcz com o objetivo de defender que a autora constrói uma interpretação do Brasil que não consegue romper com os

particularismos nacionais, com o consequente nacionalismo metodológico e com a idealização do sistema democrático que existiria nos países centrais, aspectos presentes nas tradições estatista e privatista do pensamento social e político brasileiro, sintetizadas pelo seu trabalho. Antes, porém, apresentarei os argumentos principais presentes no livro e, ao final, farei uma apreciação crítica sobre o trabalho da autora que procura compreender o Brasil em mais uma conjuntura dramática de nossa vida política. (RIBEIRO, 2020, p 361).

De modo análogo a Anjos, Ribeiro é enfático na crítica à ausência de definições de conceitos fundamentais ao argumento da autora, como patrimonialismo e mesmo autoritarismo. Ribeiro destaca que a autora e sua obra por estarem aferrados ao nacionalismo metodológico a perspectiva de um exclusivismo do processo histórico não consegue responder as perguntas propostas por ambas, autora e obra. Para Ribeiro “Em minha visão, o principal problema da interpretação de Lilia Schwarcz está na defesa de um autoritarismo brasileiro.” (RIBEIRO, 2020, p 368). Para este resenhista “o livro é estruturado por uma perspectiva culturalista que essencializa o caso brasileiro, a qual, como vimos, está presente nas tradições estatista e privatista sintetizadas por Schwarcz.” (RIBEIRO, 2020, p 368).

Para efeitos deste artigo Marcos Ribeiro traz uma contribuição importante, indicando uma possibilidade de compreensão de para o que estava atrasado o Coelho Branco (ou Verde e Amarelo)

O outro ponto, e que considero o mais problemático, é a idealização do sistema democrático, também presente nas tradições sintetizadas pelo trabalho resenhado. A idealização ocorre porque Schwarcz considera o autoritarismo como antônimo da democracia, ou seja, o primeiro seria estruturado por uma razão essencialmente diversa do regime democrático. O autoritarismo seria fruto do processo histórico representado pela junção entre colonização ibérica e escravidão, responsáveis por impedir que a democracia se constituísse de forma plena no Brasil moderno. A autora reproduz uma perspectiva teleológica da democracia, pois esta seria o regime político no qual as dimensões privada e pública estariam plenamente separadas, a república seria autêntica e os interesses presentes na sociedade seriam atendidos de forma transparente, impessoal e justa. (RIBEIRO, 2020, p 369).

O Brasil de Lilia Schwarcz estaria, portanto, atrasado para uma Democracia, para uma sociedade democrática ambas mais uma idealização dos países centrais, segundo Ribeiro, do que uma realidade plausível. Ribeiro indica que

O trabalho resenhado, portanto, não contribui para que possamos produzir teoria a partir da periferia, e para que consigamos estabelecer outra geopolítica do conhecimento⁸ que nos dê condições de construir interpretações que possam demonstrar o que possuímos de efetivamente nosso e, consequentemente, o que temos em comum com os países centrais. Em última instância, o trabalho nos

impossibilita pensar o mundo a partir da periferia (Brandão, 2007). Portanto, para nos afastarmos da condição estrutural de subalternidade na geopolítica do conhecimento, devemos estudar o fenômeno do autoritarismo no Brasil, e não a suposta existência de um autoritarismo essencialmente brasileiro. (RIBEIRO, 2020, p 370-371).

Ribeiro defende ser nada produtivo a busca por uma compreensão do autoritarismo brasileiro fora de uma conexão com o global.

“OH MEU DEUS! EU VOU CHEGAR MUITO ATRASADO!”

Considerando, com efeito, estas críticas, lançou-se certas indagações a obra de Schwarcz, é possível localizar na obra da autora um agir político no Brasil? Em se encontrando ele seria passível de ser compreendido dentro da chave da conciliação? Uma outra indagação feita se faz presente, em grande medida, na emblemática fala do Coelho Branco: “Oh meu Deus! Eu vou chegar muito atrasado!” Estaria, o Brasil, na análise de Schwarcz e Starling e de Schwarcz atrasado? Se sim atrasado em relação a que e para que?

É possível localizar na obra da autora um agir político no Brasil?

A grande chave de interpretação do Brasil de Schwarcz nestas obras é a sociedade brasileira é um legado da escravidão e do escravismo. Na visão da autora “A escravidão nos legou uma sociedade autoritária, a qual tratamos de reproduzir em termos modernos. Uma sociedade acostumada com hierarquias de mando, que usa de uma determinada história mística do passado para justificar o presente, e que lida muito mal com a ideia da igualdade.” (SCHWARCZ, 2019, p. 35). No escravismo brasileiro a ordem vigente era, grosso modo, a negociação e o conflito, portanto, uma situação de acordo tênues entre grupos altamente desiguais. Acredita-se aqui que Schwarcz caminha na direção de defender que esta prática, postura de negociar em situações de ampla desigualdade tenha se tornado parte do arcabouço cultural do país. Do latifúndio escravista se definiram as práticas de gestão da vida pública e privada o clientelismo, o patrimonialismo, aquilo hoje definido como corrupção e mesmo o patriarcalismo em sua versão local teria ali seu ponto de origem. E este universo produziu sua forma de fazer política, o mandonismo.

Em se encontrando ele seria passível de ser compreendido dentro da chave da conciliação?

Acredita-se aqui que pensar as práticas do mandonismo dentro da chave da conciliação configura-se como algo arriscado. Todavia, o mandonismo como indicado pela autora é marcado pelo ideal da transação, do acordo. Acordo entre desiguais. Se o mandonismo não é uma forma de conciliação, certamente, carrega consigo vários elementos da conciliação como indicado aqui.

O Brasil, na análise de Schwarcz e Starling e de Schwarcz atrasado? Se sim atrasado em relação a que e para que?

Nesta direção o trabalho de Ribeiro aqui referenciado é fundamental, concorda-se com com ele o Coelho corre desesperadamente, vociferando estar atrasado para encontrar uma Democracia e ou um ideal de Democracia que só vê noutros lugares ao longe.

Em assim sendo, voltando aos motes que motivaram este artigo, de fato, a autora está bastante inserida na perspectiva culturalista de interpretação do Brasil. E como indicado a pouco o conjunto de textos aqui investigados permitiu discutir as seguintes indagações: é possível localizar na obra da autora um agir político no Brasil? Em se encontrando ele seria passível de ser compreendido dentro da chave da conciliação? Estaria, o Brasil, na análise de Schwarcz e Starling e de Schwarcz atrasado? Se sim atrasado em relação a que e para que?. Entretanto como indicado no título deste artigo ainda são alguns apontamentos.

CONCLUSÃO

Em sendo as interpretações de Lilia Schwarcz interpretações que produzem interpretações a visão dela acerca da presença enraizada de uma cultura autoritária, antidemocrática no Brasil pode remeter (e incentivar) a produção de certa visão imobilizadora dos processos sociais. Fomentar a ideia (ou ideias) de que a “verdadeira” vocação do Brasil estaria nos valores agrários, nas bases altamente hierarquizadas da sociedade brasileira. Portanto, os movimentos analíticos da autora podem remeter a um certo culturalismo imobilista. Existe uma cultura, uma tradição muito enraizada e sem romper com ela não haveria como definir outros rumos e como as culturas, em geral, se transformam muito lentamente adentra-se numa rua sem saída.

Por outro viés, ainda seguindo a premissa que as interpretações de Lilia Schwarcz produzem interpretações, o esforço analítico da autora pode ser problematizado pelas

premissas presentes Theodor Adorno. Este autor indica que quem não conhece a tradição está condenado a repeti-la e faz isso convencido e convicto que está a inovar. (ADORNO, 2012, p. 92). Todavia, por hora, tomando por base as obras observadas, não parece ser despropositado notar que para a autora o passado escravista moldou o presente e projeta o futuro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. **Os aprendizes do Poder**: o bacharelismo liberal na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ADORNO, Theodor. Em memória de Eichendorff. In: **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2012.

ANJOS, Hebert Gler Mendes. O liberalismo progressista e alguns de nossos males históricos [Resenha de Sobre o autoritarismo brasileiro]. In: **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 21 n. 35, 2020, p 291-299.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar o que dizer. 2.^a Ed.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

_____. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008b.

CARROL, Lewis. **Alice nos País das Maravilhas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CARVALHO, José Murilo. **A construção da ordem**: a elite política imperial. **Teatro de sombras**: política imperial. 4.^a ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

C.M.. Brasil, mostra a sua cara. **El País**. São Paulo - 01 JUL 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/30/cultura/1435691281_745908.html

COSTA, Hilton. A política molda a cultura, a cultura molda a política ou nada disso? Primeiros estudos sobre como Lilia Schwarcz aborda a política no Brasil. **4º Seminário de Pensamento Social Brasileiro**, 2025a.

COSTA, Hilton. Futuro e presente como reminiscência: a questão da escravidão em Lilia Schwarcz. **12.º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. 2025b.

COSTA, Hilton.. A tripulação faz o navio ou navio faz a tripulação? Primeiras investigações acerca da forma como Lilia Schwarcz pensa a política no Brasil. In: **33.º Simpósio Nacional de História, 2025, Belo Horizonte - MG. Anais do 33º Simpósio Nacional de História** [livro eletrônico] : os (des)confortos da história. Belo Horizonte: ANPUH, 2025c. v. 1.

COSTA, Hilton. 8 vezes Brasil? Algumas formas de pensar o Brasil segundo Lilia Schwarcz. *Anais do XVII Encontro Regional de História da ANPUH-RS – Desafios contemporâneos: os lugares das/dos historiadoras/es*, 2024.

COSTA, Hilton. Nos trópicos um nevoeiro: considerações acerca da obra de Lilia Schwarcz. In: 21º Congresso Brasileiro de Sociologia, 2023, Belém. **Anais eletrônicos do 21º Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2023. v. 1. p. 01-18.

COSTA, Hilton. Uma longa viagem ao Brasil: Lilia Schwarcz uma intérprete da nação. In: 31º Simpósio Nacional de História: História, Verdade e Tecnologia, 2021, Rio de Janeiro. Simpósio Nacional de História (31: 2021: Rio de Janeiro, RJ) **Anais do 31º Simpósio Nacional de História** [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia /. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021b. v. 1. p. 1-17.

COSTA, Hilton. Nevoeiro nos trópicos: o Brasil segundo Lilia Schwarcz. In: XVIII Encontro Regional de História da ANPUH-PR - Nação, Povos e Territórios: configurações e reconfigurações, 2022, Foz do Iguaçu. **ANAIS do XVIII Encontro Regional de História da ANPUH-PR - Nação, Povos e Territórios: configurações e reconfigurações**, 2021. v. . p. 1-9.

COSTA, Hilton. **O navio, os oficiais e os marinheiros**: as teorias raciais e a reforma eleitoral de 1881. Tese de Doutorado. PPGHIS-UFPR. Orientador: Profº. Drº. Carlos Alberto Medeiros Lima Curitiba, 2014a.

COSTA, Hilton. O agir político, o agir intelectual e a noção de raça nos anos 1880: o caso de Joaquim Nabuco. In: **XIV Regional de História ANPUH-PR 1964-2014: 50 anos do golpe militar no Brasil**, 2014, Campo Mourão. XIV Regional de História ANPUH-PR 1964-2014: 50 anos do golpe militar no Brasil. Campo Mourão: UNESPAR - Campus Campo Mourão, 2014b. v. 1. p. 953-966.

DEBRUN, Michel. **A “Conciliação” e outras estratégias**: ensaios políticos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ENZWEILER, Deise Andreia; CAREGNATO, Lucas. Sobre o Autoritarismo Brasileiro Resenha de Schwarcz, L. M. (2019). Sobre o Autoritarismo Brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, v 20, 2020, p 1-6.

FAORO, Raymundo Faoro. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Brasil monárquico**. Tomo II, volume 7: Do Império à República. 8.ª Ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

LIMA, Lorrán. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.294. In: **EntreRios – Revista do PPGANT -UFPI –Teresina**, Vol. 3, n. 1 (2020), p 109-111.

MAIA, João Marcelo Ehlert. Existe o Brasil? Desafios de uma biografia da nação [resenha - Brasil: uma biografia de Lilia Schwarcz e Heloisa Starling São Paulo: Companhia das Letras, 2015.] **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 28, no 56, p. 409-413, julho-dezembro

MARTINS, Paulo Fernando Melo. Sobre o autoritarismo brasileiro [resenha]. **Revista Momento – diálogos em educação**. Vol. 31, n. 1. p196-202.

MASCHIETTO, Roberta Holanda. Resenha de Sobre o autoritarismo brasileiro, de Lilia Moritz Schwarcz (Companhia das Letras, 2019). In: **Rede de Pesquisa em Paz, Conflitos e Estudos Críticos de Segurança**. 2019.

Disponível em: <https://redepcecs.wordpress.com/2019/08/07/resenha-de-sobre-o-autoritarismo-brasileiro-de-lilia-moritz-schwarcz-companhia-das-lettras-2019/>

MILANI, Martinho. Uma biografia quase não autorizada. **Teoria e Debate**. Edição 138 - Julho de 2015. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/estante/brasil-uma-biografia/>

NEVES, Rômulo. “Brasil: Uma Biografia” é livro essencial para entender nosso país. **Metropoles**. 19/07/2017. Disponível em: <https://www.metropoles.com/dedo-de-prosa/brasil-uma-biografia-e-livro-essencial-para-entender-nosso-pais>

NICOLA, Carlo de. Brasil: uma biografia. **A terra é redonda**. 19/02/2024. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/brasil-uma-biografia/>

PAIXÃO, Paulo Hasse. “Brasil: Uma Biografia”. Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling. **Deus me livro**. 29/10/2015. Disponível em: <https://deusmelivro.com/critica/brasil-uma-biografia-lilia-m-schwarcz-e-heloisa-m-starling-29-10-2015/>

PINHEIRO, Túlio Herique. Sobre o autoritarismo brasileiro [resenha]. In: **REVHIST UEG**. Morrinhos. Vol. 15 No. 01, 2026, p 1-8

PROBST, Melissa. Sobre o autoritarismo brasileiro Resenha de Sobre o autoritarismo brasileiro]. In: **Periódico Horizontes** – USF – Itatiba, SP – Brasilv. 38 n. 1 (2020) p 1-7.

PRZEWORSKI, Adam; CHEIUB, José Antônio; LIMONGI, Fernando. Democracia e Cultura: uma visão não culturalista. Lua Nova. Revista de Cultura Política. São Paulo. s/v. n.º 58, p. 9-36. Jan/Abr, 2003.

RIBEIRO, Marcos Abraão. Lilia Schwarcz e a persistência do nacionalismo metodológico nas interpretações do Brasil. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 273p. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 22, n. 54, maio-ago 2020, p. 358-373.

RODRIGUES, José Honório. **Conciliação e Reforma no Brasil**: um desafio histórico-político. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

SALDANHA, Flávio Henrique Dias. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. **Tempos Históricos**, Vol. 23., 2.º sem. 2019, p 619-621.

SAMPAIO-SILVA, Roniel. Sobre autoritarismo brasileiro [Resenha]| **Blog Café com Sociologia**, jan. 2023.

SCHWARCZ, Lilia. Podcast Oi gente #90, 2025 [postagem]. In: (@liliaschwarz) Disponível em: https://www.instagram.com/p/DJ_4L5JNDdk/

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa. **Brasil, uma biografia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

SILVA, Marco Túlio da. Autoritarismos e o Brasil: uma fissura no silêncio. [Resenha de Sobre o autoritarismo brasileiro]. In: **Revista Em Perspectiva** [On Line]. v. , n. x, 2020, p 339-342.

SLEMIAN, Andrea; MONTEIRO, Nuno Gonçalo Monteiro. Sob o autoritarismo brasileiro, sobre o lugar da História [Resenha de Sobre o autoritarismo brasileiro]. In. **Revista Cult**. Junho/2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/sob-o-autoritarismo-brasileiro-sobre-o-lugar-da-historia/>

STORI, Bruno; ZIMKOVICZ, Rafaela. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 273p. In: **Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 10, nº. 1, 2019, p 154-167.

VILARINHO, Murilo. Brasil: uma biografia [resenha] In: **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 256-262, jul./dez. 2018.